

A REVISTA

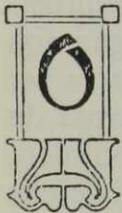
DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

PARA OS SCEPTICOS



PROGRAMMA desta revista não pôde necessariamente afastar-se da linha estrutural de todos os programmas. Resume-se numa palavra: Acção. Acção quer dizer vibração, luta, esforço constructor, vida. Resta cumpril-o, e com lealdade o confessamos: começam aqui as dificuldades. Suppõe-se que ainda não estamos sufficientemente aparelhados para manter uma revista de cultura, ou mesmo um simples semanario de bonecos cinematographicos: falta-nos desde a typographia até o leitor. Quanto a escriptores, oh! isso temos de sobra. (Assim Deus Nosso Senhor mandasse uma epidemia que os reduzisse à metade!) Desta sorte, um injustificavel desanimo faz de Bello Horizonte a mais paradoxal das cidades: centro de estudos, ella não comporta um mensario de estudos. E se repona, aqui e alli, uma tentativa nesse sentido, o côro dos cidadãos experimentados e scepticos exclama: «Qual! E' tolice... A idéa não vinga.» E como, de facto, a idéa não vinga, o scepticismo astucioso e esteril vae comprar a sua «Revista do Brasil», que è de S. Paulo e, por isso, deve ser profundamente interessante...

Os moços que estão á frente desta publicação avaliam com segurança a somma de tropeços a vencer no empreendimento que se propuzeram. Está claro que não só desejam como *esperam* vencel-o. Porém, se forem derrotados, não se queixarão da fortuna, que é caprichosa, nem do meio bello-horizontino, que é, na realidade, um dos mais cultos, polidos e estudiosos do Brasil. A derrota é ainda o menos feio dos peccados, e o mais confessavel. No caso presente, o inimigo pôde tornar-se em amigo: é a indiferença do publico, tão legitima em vista dos repetidos *bluffs* literarios dos ultimos tempos.

Não somos romanticos; somos jovens. Um adjectivo vale o outro, dirão. Talvez. Mas, entre todos os romantismos, preferimos o da mocidade e, com elle, o da acção. Acção intensiva em todos os campos: na literatura, na arte, na politica. Somos pela renovação intellectual do Brasil, renovação que se tornou um imperativo categorico. Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pôde continuar a ser o tumulto de nossas idéas, mas antes a fonte generosa de que ellas dimanem. Somos, finalmente, um orgão politico. Este qualificativo foi corrompido pela interpretação viciosa a que nos obrigou o exercicio desenfreado da politicagem. Entretanto, não sabemos de palavra mais nobre que esta: politica. Será preciso dizer que temos um ideal? Elle se apoia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitue o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenophobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra de nossa originalidade nacional. Na ordem interna, é forçoso lançar ainda uma affirmação. Nascidos na Republica, assistimos ao spectaculo quotidiano e pungente das desordens intestinas, ao longo das quaes se desenha, nitida e perturbadora, em nosso horizonte social, uma tremenda crise de autoridade. No Brasil, ninguem quer obedecer. Um criticismo unilateral domina tanto nas chamadas elites culturaes como nas classes populares. Ha mil pastores

para uma só ovelha. Por isso mesmo, as paixões ocupam o lugar das idéas, e, em vez de se discutirem principios, discutem-se homens. «Fulano está no governo, pois então vamos derrubar Fulano!» E zaz! Metralhadoras, canhões, regimentos inteiros em actividade...

Contra esse oppressivo estado de coisas é que a mocidade brasileira procura e deve reagir, utilizando as suas puras reservas de espirito e coração. Ao Brasil desorientado e nevrotico de até agora, opponhamos o Brasil laborioso e prudente que a civilização está a exigir de nós. Sem vacillação, como sem ostentação. E' uma obra de refinamento interior, que sò os meios pacíficos do jornal, da tribuna e da cáthedra poderão vehicular. Depois da destruição do jugo colonial e do jugo esclavagista, e do advento da fôrma republicana, parecia que nada mais havia a fazer senão cruzar os braços. Engano. Resta-nos humanizar o Brasil.

